

Crise econômica enforca os cariocas

Pesquisa do Instituto Fecomércio-RJ mostra que a população está substituindo pagamento de contas e comprando menos

SÔNIA ARARIPE

A crise econômica bateu no bolso do carioca. De acordo com pesquisa do Instituto Fecomércio do Rio, os trabalhadores cariocas estão comprando menos, pendurando contas – como telefone e luz – e depois da farra das compras, estão fugindo do consumo desnecessário e dos juros de bancos.

“Não há dúvidas que as pessoas estão passando por uma situação mais difícil”, avalia o economista Luiz Roberto Cunha, diretor do Instituto. Sobram explicações: juros altos, mais desemprego e a maioria dos salários sem aumentos fizeram com que as pessoas tivessem que apertar os cintos para ajustar o orçamento.

Dinheiro de plástico – De acordo com dados da última pesquisa do Instituto, de julho, feita com 1.513 moradores da região metropolitana do Rio, os cariocas estão utilizando cada vez mais o cartão de crédito – inclusive nos supermercados –, pagando contas mais altas de gás, telefone e combustíveis, sem falar que o financiamento mudou de “endereço”.

As dívidas de financeiras e bancos

estão sendo trocadas por empréstimos de papai-e-mamãe ou de amigos. “São os menores juros do mercado, porque, normalmente, a família ou os amigos não cobram correção”, brinca Luiz Roberto Cunha.

Garfada nos amigos – Em julho do ano passado, 7,7% dos entrevistados que responderam que precisavam pedir dinheiro emprestado para completar os pagamentos estavam pegando dinheiro com parentes ou amigos. No mês passado, esse percentual cresceu para 18%.

A pesquisa também traz outro dado interessante: o indicador da situação econômica do consumidor, que vem a ser o termômetro da expectativa do consumidor com a situação da economia. “O resultado da pesquisa mostra que o indicador está praticamente estacionado. É como o ritmo lento da economia”, explica o economista Paulo Brück, coordenador das pesquisas do Instituto Fecomércio.

Em julho, o indicador fechou positivo em 0,83, mas é pouco se for comparado com o número de maio, por exemplo, de 6,36. No mês passado, pela primeira vez desde que o levantamento começou a ser

feito – em julho de 2000 – a estatística registrou um indicador negativo de 1,68. Se fosse possível falar assim, seria como se o consumidor carioca estivesse desconfiado, vendo de forma pessimista sua situação financeira no futuro.

Substituição – A pesquisa do Instituto Fecomércio é feita com pessoas de diferentes faixas de renda, variando de dois a mais de 20 salários mínimos, no trajeto do metrô, nos trens ou barcas, e leva, em média, dez minutos para ser respondida. São perguntas sobre a situação econômica da família do entrevistado e sobre a expectativa se o futuro será melhor.

Um efeito do racionamento já pode ser medido pelos números calculados pela pesquisa. Como o consumo de luz foi reduzido para atingir a meta, a conta também teve seu valor reduzido. Isso possibilitou que mais cariocas pudessem pagar em dia essa fatura, mas passassem a ter problemas com as contas de telefone. “A inadimplência migrou de um lado para outro”, explica Brück.

Na pesquisa feita em junho, 57% dos entrevistados que revelaram estar com alguma conta em atraso disseram que o

problema maior era a conta de luz. Em julho, esse número caiu para 52%. Em contrapartida, os problemas de inadimplência com o telefone fixo cresceram de 30% para 38%.

Sem sobras – Na Embratel, a luz amarela acendeu ainda em junho, quando a empresa lançou campanha para reduzir o número de clientes com dívidas. Na época, 600 mil pessoas em todo o Brasil acumulavam débitos. De acordo com a empresa, que preferiu não divulgar os números atuais, os resultados têm sido satisfatórios. Para recuperar os clientes, a companhia investiu R\$ 25 milhões nas centrais de atendimento e na atualização do banco de dados.

Outro ponto interessante revelado pela pesquisa do Instituto Fecomércio é que 48% dos entrevistados dizem que não vai sobrar dinheiro. Mas para os que sobram, o dinheiro será principalmente guardado para alguma eventualidade.

Cautela – “As pessoas estão mais precavidas, preferindo poupar a gastar desnecessariamente”, lembra o diretor do Instituto, Luiz Roberto Cunha.

Os gastos com alimentação foram

maiores em julho do que em junho, mas a quantidade comprada foi igual. “A queda nos preços dos alimentos verificada em julho permitiu que os consumidores comprassem mais, elevando o consumo.

Outro efeito da crise de energia elétrica já era esperado: o consumo de bens duráveis, especialmente de eletrodomésticos, caiu e não deverá melhorar tão cedo. Perguntados se pretendem comprar algum produto deste tipo nos próximos seis meses, 49% disseram que não.

Em dia – As contas de plano de saúde e da escola são as que a maioria deixa sempre em dia. “O temor de ficar sem atendimento médico privado e das crianças ficarem sem poder assistir a aulas explica esse comportamento”, diz o coordenador das pesquisas do Instituto.

Dos cariocas entrevistados, 53% disseram que a situação econômica em julho está igual a junho, mas 32% responderam que estava pior. A renda familiar, para a maioria (74%) está igual. “Como ninguém sabe qual será o cenário futuro, o jeito foi ser mais comedido. Isso é bem melhor do que a ganância desnecessária”, sugere Luiz Roberto Cunha.



Jorge Cecilio

O casal Vidal mostra os oito cartões de créditos que usa nas manobras mensais para enfrentar a crise financeira